

# A condessa, a criada e o secretário: um triângulo amoroso e social

Gonçalo Frota

Depois de ter apresentado em Almada *Reinar depois de Morrer*, Ignacio García volta aos clássicos com *Nem Come nem Deixa Comer*

Há um provérbio espanhol que diz: o cão do hortelão nem come, nem deixa comer. Que é como quem diz que o cão, imbuído da sua missão de guarda às plantações, impede mas não desfruta. E é devido ao paralelo com a vida amorosa da condessa Diana de Belflor, tal como escrita pelo dramaturgo madrilenho Lope de Vega (1562-1635), que o encenador Ignacio García escolhe a outra metade do provérbio para título da sua versão de *El Perro del Hortelano* (1618), uma das mais populares comédias do Século de Ouro espanhol (respeitante aos séculos XVI e XVII), em cena no Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada, até 5 de Dezembro.

Quando a condessa Diana (Margarida Vila-Nova) se apercebe de que a sua criada Marcela (Ana Cris) vive uma paixão com o secretário Teodoro (David Pereira Bastos), logo é tomada por ciúmes e resolve interpor-se entre os dois. Acontece que, devido à sua condição social, não pode assu-

mir uma relação com Teodoro. Logo, *Nem Come nem Deixa Comer*.

Ignacio García, que já em Almada apresentara um outro clássico da dramaturgia espanhola – *Reinar depois de Morrer*, de Luis Vélez de Guevara, em 2019 –, trabalhou sobre a peça várias vezes em Espanha. “É uma das peças mais importantes de Lope de Vega, uma das suas comédias perfeitas, e tem alguns dos versos mais bonitos do século XVII espanhol”, justifica ao PÚBLICO. “Mas é sobretudo uma peça que coloca, ao mesmo tempo, dois conflitos – um social e outro metafísico.”

O social explica-se sem tropeções. Diana nunca pensa aproximar-se amorosamente de Teodoro até o descobrir nos braços de Marcela, passando de imediato a espumar de ciúmes, tomada por um raivoso desejo de possessão de um homem de classe social inferior. “Esta ideia muito hierárquica”, defende o encenador, “de que a condessa tem todos os direitos e todos os privilégios e a criada não é acompanhada pela ideia de que a criada tem a liberdade para estar com o secretário, e a senhora não.” Daí que a encenação dedique a este fosso hierárquico muitas das suas subtilidades, sublinhando a impossibilidade de mobilidade, numa época em que – afinal, não tão diferente assim des-



A criada (Ana Cris) e a condessa (Margarida Vila-Nova)

ta em que vivemos – se nascia e morria na mesma classe social. Esse lugar de cada um condiciona tudo – o que veste, o que come, o que faz, a liberdade que tem de tomar ou não determinadas decisões.

O plano metafísico, acredita Ignacio García, joga-se no tabuleiro do desejo, da vontade de possessão em conflito com a necessidade de ser livre. “É nesse sentido”, diz, “é muito bonito, porque vemos no início da peça que se é normal que a criada tenha inveja da senhora – que tem

**Esta popular comédia de Lope de Vega “coloca, ao mesmo tempo, dois conflitos”, reflecte o encenador da peça: “um “social e outro metafísico”**

dinheiro, poder, criadagem e tudo aquilo que quiser –, a senhora admite depois que tem inveja da criada por este ter aquilo que ela não pode ter”. E traz para a mesa outro provérbio espanhol: “*La suerte de la fea, la guapa la desea* (a sorte da feia, a bonita a deseja). A sorte, neste caso, é a de Marcela saber que Teodoro está com ela por amor; já Diana terá de viver perguntando-se se aquilo que tem de mais atraente é, bem vistas as coisas, a sua posição social.

Esta inveja da vida alheia encurta também drasticamente a distância temporal para com o texto de Lope de Vega. Nas redes sociais de hoje o encenador encontra a mesma exibição e a mesma cobiça das vidas dos outros, de tudo quanto possa ser inacessível, a partir da universal “insatisfação perpétua do ser humano e do seu desejo de querer ser como os outros”. Enxertando depois no texto pedaços de versos de autoras contemporâneas de Lope de Vega (Juana Inés de la Cruz, Maria de Zayas e Ana Caro Mallén), reforçando o quanto estas mulheres têm o destino nas mãos e recusando o remate final de serem salvas pelo casamento, García firma também uma visão feminista do texto. Porque se há coisas que não mudam, outras não têm razão para permanecer iguais.